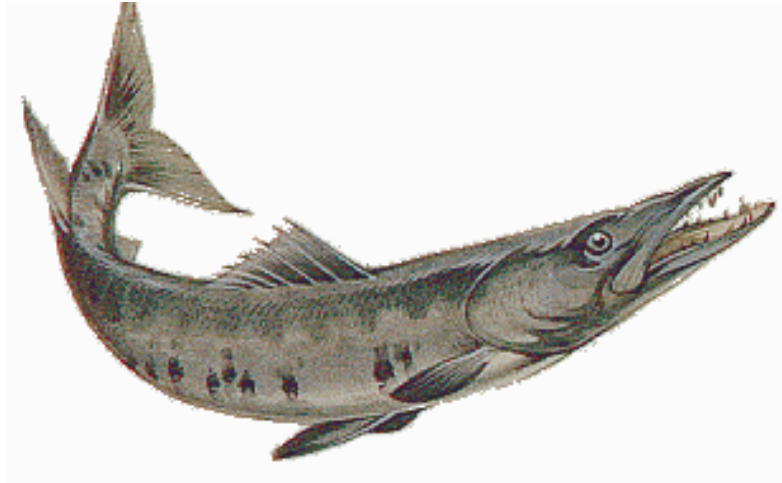


*Sphyraena barracuda*  
(Walbaum, 1792)

## BARRACUDA



**Habitat e comportamento:** muito comuns, em vários habitats, de canais de mangue a pleno mar aberto, onde são pelágicos. Usualmente na coluna d'água, da superfície a pouca distância do fundo, predadores por excelência, comem principalmente peixes. Em certas regiões os grandes adultos habitam águas rasas, por vezes com menos de 2 metros, junto a canais, bancos de areia e manguezais; em mar aberto são vistos próximo da superfície e até 200 metros; muito comuns ao redor de ilhas e próximo a costões, os maiores geralmente solitários ou em pequenos grupos; exemplares com cerca de 1 metro formam grupos de algumas dezenas, observados na região da arrebentação, de vez em quando um deles arremetendo contra cardumes de peixes menores mais no raso e depois voltando para o grupo. Ao largo, junto a plataformas de petróleo ou parcéis, formam grupos de 3-10 peixes, grandes, à espreita. Usualmente imóveis, flutuando na água, são capazes de rapidíssimos movimentos. Apesar da má reputação, há menos de 30 casos de ataques ao homem, a enorme maioria em águas turvas, atraídos por objetos brilhantes, ou atacando peixes arpoados e pendentes do cinto de caçadores submarinos. Curiosos, aproximam-se do mergulhador, mas não se deve alimentá-los, uma mordida errada pode levar a mão... Quando a presa que perseguem é maior do que podem engolir, cortam-na ao meio. A reprodução ocorre no verão, em mar aberto ou nas margens externas de recifes e ilhas; os ovos pelágicos eclodem em até 48 horas; as larvas pelágicas comem zooplâncton e os jovens com cerca de 2 cm acompanham detritos de superfície; aos 4 cm já formam pequenos cardumes, entre bancos de algas, corais e rochas, na coluna d'água e superfície.

**Diagnose:** D.V-I,9; A.II,7-8; L.L. 75-87; alongado, pouco alto, algo comprimido; cabeça grande, maxilar poderoso, ultrapassa a margem anterior do olho e tem dentes caninos, alguns impressionantes; dorsais bem separadas, a anterior com origem após a origem da pélvica; peitoral ultrapassa origem da pélvica; caudal forcada. Cinza-azulado a verde no dorso, flanco prateado,

ventre branco; algumas manchas negras irregulares no flanco, evidentes; 18-22 faixas, oblíquas, escuras e nem sempre distintas no dorso; nadadeiras escuras, a caudal com pontas brancas; jovens com 2 cm são brancos com faixa escura longitudinal que se transforma em série de 7-12 manchas quadradas e alongadas com a idade, desaparecendo aos 15 cm aproximadamente. **Atinge até 2 metros e 48 kg**, geralmente um pouco menores.

**Pesca e sabor:** sua carne é apreciada, mas os grandes adultos podem ser extremamente tóxicos em função de comerem peixes que se alimentaram, direta ou indiretamente, de dinoflagelados tóxicos. Já a pesca esportiva fascina, especialmente dos grandes peixes, praticada com corrico em mar aberto e com varas e carretilhas, pesadas, em águas costeiras e ao redor de ilhas. A técnica preferida é a de localizar o peixe e arremessar a isca (peixe, vivo ou morto, e artificial como "plugs" e colheres) além dele, recolhendo a linha com alguma rapidez, de forma errática, e aumentar rapidamente a velocidade, quando a fígada acontece. Muita luta e saltos espetaculares são constantes, mas cuidado ao embarcar, continua mordendo até morrer!

**Distribuição:** circunglobal, no Atlântico Ocidental de Massachusets ao Sul do Brasil.

**Outros nomes:** Bicuda, Bicuda-Branca, Bicuda-do-Alto, Bicuda-de-Corso, Bicuda-Grande, Carana, Gaviama, Goriana; Cuda, Pike, Salt Water Pike, Sea Tiger; Becuna.

*Bibliografia:*

*Carvalho, Filho, Alfredo de*  
*C321p*  
*Peixes da costa brasileira. São Paulo*  
*Ed Marca D'água, 1992.*  
*304p*  
  
*Páginas 178-179*